

# 5 POEMAS DO LIVRO OUTRAS VIDAS (INÉDITO)

Caio Meira

---

**Caio Meira** nasce em Goiânia (1966). Apaixonado pelo Flamengo, muda-se em 1984 para o Rio de Janeiro. Antes de render à literatura, faz sua graduação e mestrado em psicologia (UFRJ). Doutora-se em Poética, também pela UFRJ, onde atualmente dá aulas de teoria literária como parte das atividades de seu pós-doutorado. O percurso poético de Caio Meira compõe-se de 3 livros: *No oco da mão* (UERJ, 1993), *Corpo Solo* (Sette Letras, 1998) e *Coisas que o primeiro cachorro na rua pode dizer* (Azougue, 2003).

*Caio Meira est né à Goiânia, Brésil (1966). Grand supporter de l'équipe du Flamengo, déménage à Rio de Janeiro en 1984, où il fait la graduation et le master en psychologie (UFRJ). Rendu à la littérature, il fait son doctorat en théorie littéraire/poétique, à la Faculté de Lettres de l'UFRJ. Il Publie 3 livres de poèmes: No oco da mão [Dans le creux de la main] (UERJ, 1993), Corpo Solo [Corps solo] (Sette Letras, 1998) e Coisas que o primeiro cachorro na rua pode dizer [Des choses que le premier chien dans la rue peut dire] (Azougue, 2003).*

i.

Minha vida, a partir desse ponto, se torna tão tênue quanto o fio da minha espada. Essa sentença, apesar de não ser prévia, não poderá ser postergada: ato derradeiro, do qual não há retrocesso. Nem avanço. Se minha casa passa a ser meu passo, se sou um ou se somos 47, se tiver de vender minha mulher para o bordel mais próximo, se não puder mais cultivar amigos ou desafetos, terei que ter apenas o cuidado de não dormir duas vezes no mesmo lugar. Esse código, jamais escrito, que não pode nem mesmo ser pronunciado, está doravante gravado nas fibras do meu corpo.

v.

Dentro de poucas horas estaremos todos mortos, nossos corpos já sem gravidade sob o asfalto, ou se misturando à areia da praia. Serenos, nos preparamos por anos, cruzando em ritmo de anapesto o portal de pedra, para agora sairmos armados às ruas, com os corações leves e a lápide definida: *si vis pacem, para bellum*. Tudo o que temos cabe numa caixa de sapatos. Nós, tão jovens, tão belos e tão radicais quanto as palavras que carregamos em nossas bocas, já repartimos a bandeira e a carne, mas o sangue ainda corre quente dentro das veias. Por pouco tempo. Nós, que já enfrentamos a polícia, que abandonamos a faculdade de medicina para dormir sob a noite estrelada, queremos apenas a pá de terra sobre nossos despojos e a mão pesada da justiça escrevendo outra página digna da história dessa terra, nossa terra.

xiii.

Outra vez, acordo na madrugada de pau duro.  
Sem desejo, sem objeto, a matéria  
cavernosa injetada de sangue não bombeia  
imagem, não infla nem enrijece outro corpo  
a não ser a própria carne dilatada. Quanta  
vontade primitiva fala agora por meu cerne,  
qual proporção de instinto, que medida  
atávica constrói essa tenacidade sem fim  
algum? Não, não me reconheço nesse corpo  
estranho. Não passo de uma corda atada latejando  
entre a noite e a manhã, essa madrugada em  
ereção a caminho do banheiro.

xiv.

Ainda que dentro de casa, dentro do quarto, sobre a cama, debaixo do lençol, ainda que dentro de mim, de pau duro sou devolvido ao meio do mundo. De pau duro, no meio do caminho da minha vida, abundante no meio de mim e copioso no meio das pernas, no meu caminho do meio, caminho para fora de mim, para fora de casa, no caminho para fora do mundo, ou para o interior fértil do mundo, no espaço do mundo em que o mundo se gera e grita para fora de si, mas para dentro de mim, mas para fora da vida, aqui dentro de casa, eu de pau duro dentro de mim, mas fora de mim, mas dentro da minha vida, de pau duro, a vida é dura fora de mim, a vida é doce dentro de mim, a vida dentro e fora de mim, no meio do caminho da minha vida, de pau duro a vida vive dentro de mim.

xx.

A primeira vez que a vi, ou terá sido a primeira vez que fui notado por ela, à distância, teriam sido quilômetros, alqueires, mares, quantos centímetros na primeira vez que me vi nela envolvido, nos pêlos crescido, no susto virgem do primeiro nascimento, ela que nasce em algum momento da vida do corpo, órgão tardio, surgido na primeira vida das minhas muitas vidas, no caminho primeiro de minha vida, percorro todo dia essa distância que vai do nada ao todo, ao todo dia, nessa primeira vez em que se esconde sua visão, toda vez será para sempre a primeira vez que vi, que vejo e que verei a primeira boceta que vi no primeiro dia de minha vida.

